

Da constituição de um catálogo cultural ou por uma Ciência da Informação não desprovida de alma

Andre Vieira de Freitas Araujo

Doutorando em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Escola de Comunicações de Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP, Brasil.
Professor do Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Brasil.
E-mail: armarius.araujo@gmail.com

CRIPPA, Giulia. **Poéticas da informação**: representações artísticas e literárias de livros, bibliotecas e de seus protagonistas. São Paulo: Todas as Musas, 2014. 221 p. ISBN 978-85-64137-38-7.

Informação. Concebida como principal objeto de investigação da Ciência da Informação (CI), ao menos na “origem” desta, já foi demasiadamente conceituada, discutida e historicamente abordada sob três ângulos: físico, mental e social. A percepção de que estes três ângulos podem ser visualizados simultaneamente e de que a informação não é mais o único objeto de investigação da CI nos permite ter uma visão mais ampla da gama de questões e problemas que envolvem o universo informacional, hoje.

Esta possibilidade se entrelaça à perspectiva social e cultural dos estudos informacionais do tempo presente e mostra que a investigação da informação, a partir de abordagens e categorias “tradicionais”, não abarca toda a complexidade dos objetos em potencial para/da CI. Se neste contexto temos as categorias de produção da informação, organização da informação, recuperação da informação, mediação da informação, uso da informação, tecnologia da informação, preservação da informação e outros, por que não haveria de existir uma categoria “poética” ligada à informação? É este questionamento que remete às investigações que propõem um outro olhar e abordagem sobre este já antigo objeto - a informação - e que podem ganhar força e espaço na CI.

Ai reside a contribuição inicial de Giulia Crippa, com o livro “Poéticas da Informação” - fruto de sua tese de livre-docência em Ciências da Informação, apresentada e defendida, em 2012, na Universidade de São Paulo (USP).

Crippa, graduada em *Lettere Moderne* pela *Università degli Studi di Bologna* e doutora em História Social pela USP, vem ao longo dos últimos anos acumulando investigações sobre temas e interesses diversos, em busca por um diálogo com a CI a partir

dos Estudos Culturais, *Women's Studies*, Mediações da Informação e da Cultura, Artes, Literatura, História e Memória.

A capa de “Poéticas” apresenta detalhes da obra “O Arquiduque Leopoldo Guilherme em sua galeria de pinturas em Bruxelas”, cerca de 1651, do pintor do período barroco David Teniers (1610-1690).

A escolha da capa não poderia ser mais alusiva ao conteúdo que se apresenta no livro: do mesmo modo como o pintor flamengo representa a referida galeria de pintura, repleta de referências, formas, temas e texturas colecionadas (que oferecem a possibilidade do infinito), Crippa também o faz, na medida em que seu livro nos oferece, como a própria autora define, um “catálogo cultural” da CI, constituído por múltiplas referências a partir de um percurso seletivo e compilador.

De fato, em seu conjunto, o livro é um catálogo aberto, uma obra em construção, dinâmica e pulsante. Resulta em um processo que multidimensiona os pontos de acesso às representações artísticas e literárias de livros, bibliotecas, documentos, filmes e de seus protagonistas.

“Poéticas”, como afirma Crippa (2014, p. 21), “[...] se propõe como estudo de representações literárias e artísticas enquanto constitutivas e normativas das representações do imaginário social. É um relatório sobre o *status* do imaginário que representa um tema específico, o dos livros, dos documentos, das bibliotecas, dos arquivos e das personagens que os habitam, de possíveis lugares de memória de uma CI que, nas reflexões acadêmicas, busca um lugar de Ciência”.

Ao se indagar sobre a identidade e as mudanças que interessam o universo do livro, das bibliotecas e leitores, o universo da memória, dos arquivos e coleções, de ontem e de hoje, Crippa apoia-se em ferramentas metodológicas no âmbito dos Estudos Culturais e de Gênero, uma vez que esses campos oferecem bases para um deslocamento sem habitação fixa entre cânones literários e para uma observação crítica das representações. Ainda, ao longo da obra, a autora coloca a questão do “outro”, por vezes silenciado.

Para condução de sua pesquisa, Crippa levanta e seleciona os materiais artísticos, literários e cinematográficos por meio de sua leitura, releitura e observação. Paralelamente, discute autores do campo da CI, de modo a compreender suas teorias. Analisa, ainda, os materiais com o objetivo de individualizar as temáticas pertinentes e, por fim, constrói o seu relato com base nos estudos históricos e literários, estudos culturais e estudos de gênero.

Crippa estimula uma reflexão sobre e para a CI a partir de referenciais não adotados em larga escala e de forma cruzada pelo campo. Não se trata de simplesmente mapear as representações artísticas e literárias dos meios de transmissão cultural e equipamentos culturais, mas colocá-los em evidência como fontes de informação para pensarmos os processos de produção, organização, armazenamento, preservação, mediação, recuperação e uso da informação a partir de recortes temporais diversos. As representações também são, afinal, sintomas das práticas, dos sujeitos e dos produtos culturais e informacionais.

Neste sentido, Crippa busca intersecções entre os conhecimentos históricos, artísticos e literários (enraizados em sua formação acadêmica) e o campo da informação e conhecimento, espaço no qual pretende demarcar uma de suas maiores contribuições por meio desta obra. A autora o faz com sabedoria, o que reforça a percepção de que não carece (e nunca careceu) de justificativa e de licença para “pertencer à área”.

O livro está dividido em seis capítulos que recuperam, integram e revisam publicações anteriores da autora, revelando os sinais de um percurso acadêmico raro e original.

O primeiro capítulo aborda historicamente questões relativas aos meios de transmissão cultural e equipamentos culturais entre Antiguidade e Idade Média: a relação entre a cristandade ocidental e a palavra escrita, a sua transmissão e as redes de transmissão do conhecimento. Chama atenção a releitura que a autora faz de *De Institutione Divinarum Litterarum*, entendido aqui como um “manual” para organização de uma biblioteca, de autoria de Cassiodoro (Séc. VI).

No capítulo que segue, Crippa propõe algumas indagações sobre as representações sociais de bibliotecas e bibliotecários. Para tanto, integra de forma ampla a produção de autores da CI e, à luz da área, analisa textos literários e cinematográficos. Privilegia não só produtos em que a temática livro e bibliotecários aparecem como centrais, mas também como episódicos ou secundários.

Conforme define a própria autora, o capítulo três se volta ao livro como marcador de um percurso que, por meio de retratos de visionários, pecadores, intelectuais e políticos, aponta ambições e caracteriza leitores alinhando-se, no retrato de Dante e Zola, como galeria de temas e valores atribuídos à informação dos livros, em um processo de secularização da modernidade.

O quarto capítulo discute questões voltadas à memória e o papel que esta adquire na Literatura. Crippa brilhantemente constitui este percurso visitando personagens de Zola e o

Museu da Inocência, em Istambul, o que destaca a ideia de modelos de museus como modelos de memória. Neste capítulo está presente a apreciação da Arte da Memória a partir do próprio Orhan Pamuk, além de Umberto Eco e Salman Rushdie. Consta também algumas considerações acerca de um grande arquivo da memória humana: o filme *Matrix*. Este capítulo evidencia o quanto o trabalho sobre a memória conduz à exploração de temas ligados à elaboração de identidades e a relação com o “outro”.

A organização da informação e do conhecimento nas narrativas e nas imagens é o tema central do capítulo cinco. Trata das mudanças proporcionadas pela modernidade sobre os registros do conhecimento e destaca múltiplas operações ligadas à organização da informação. Um dos pontos mais altos da obra de Crippa está neste capítulo: a narrativa escolhida pela autora constitui elementos essenciais para uma reflexão histórica e epistemológica sobre a organização do conhecimento ao mesmo tempo em que propõe o deslocamento de uma leitura tradicional da história das bibliotecas e bibliotecários para uma história da organização dos saberes e conhecimento.

No último capítulo, Crippa não deixa escapar sua visão política sobre o “outro”, provavelmente relacionada ao seu ativismo e envolvimento com a *Associazione Lesbica e Gay Italiana (ARCI GAY)*, na década de 90. Concentrado nas questões de gênero, este capítulo trata de um mapeamento sobre “[...] as mulheres como protagonistas na produção e circulação de saberes institucionalizados no âmbito das bibliotecas, assim como no papel de agentes que se propiciam da informação: as mulheres denominadas, com o termo adotado pela CI, e declinado no feminino, ‘usuárias’” (CRIPPA, 2014, p. 32). A autora nos chama atenção sobre a função da informação para as mulheres e defende a ideia de que “[...] o núcleo da questão de gênero na CI há de ser observado através da lente da difícil relação entre as mulheres, os livros e o espaço público” (CRIPPA, 2014, p. 33).

Os conjuntos desses capítulos nos mostram a potencialidade das representações artísticas e literárias para delinear temáticas tão caras à CI, no que toca aos seus aspectos científicos e profissionais. Por outro lado, o livro estimula o leitor a lidar com as imagens e autoimagens relacionadas à própria CI.

O que mais impressiona na escrita de Crippa é a sua capacidade de ler em profundidade uma diversidade de fontes, sejam elas bibliográficas, fílmicas ou documentais, mesmo em línguas não utilizadas com recorrência nos estudos de CI, como é o caso do latim, a exemplo da *Patrologia latina*, de Migne, como fonte central para estudo de Cassiodoro.

Esta capacidade de mobilização de fontes advém não só de sua formação acadêmica, mas do fato de ser uma leitora atenta, crítica e sensível ao ler a um só tempo textos e imagens.

Ao permitir o reconhecimento da dimensão poética da informação, Crippa nos estimula a uma leitura menos pragmática e mais crítica do campo da CI, uma vez que trata de equipamentos e práticas historicamente constituídos. Estas construções, em maior ou menor medida, delinearão muitos dos interesses da CI hoje, a exemplo dos fundamentos das instituições (arquivos, bibliotecas e museus), das práticas (bibliógrafos, bibliotecários) e das disciplinas que precederam a própria CI, como é o caso da Bibliografia e da Documentação.

A obra de Crippa trata de uma poética fossilizada, enraizada nas práticas informacionais de nossa civilização e que segue o seu processo em uma perspectiva de longa duração histórica. A erudição da autora cria a possibilidade dos estudantes e pesquisadores da área de CI reconhecerem estas permanências no sentido de não promover uma arrogância do contemporâneo.

Como afirma Agnes Heller (1993), "[...] querer entender nosso presente como "ponto culminante" da história é igualmente estéril e é possível que nos conduza à indiferença diante das feridas e dos sofrimentos de nosso presente e, assim, também, guiar-nos para catástrofes"¹.

Neste sentido, as múltiplas referências e temporalidades abordadas em "Poéticas" nos permitem admitir que nosso presente não é melhor nem pior do que o passado, que investigar a informação sob uma dimensão poética não produz uma sobreposição aos demais estudos no campo da CI. Pelo contrário: amplia as perspectivas de investigação de uma área que vive a sua infância comparada às demais ciências.

As poéticas da informação tratadas por Crippa tratam de um mundo eminentemente informacional, mas antes de tudo humano, contraditório, multicultural e também sensível. O mundo que estamos destinados a viver e que portanto temos de dar sentido. O primeiro passo para este sentido está no reconhecimento de que a CI só tem a ganhar e se fortalecer quando não desprovida de alma.

Resenha enviada em: 20 set. 2014

¹ HELLER, Agnes. **Uma teoria da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993. p. 63.